

Teologia das religiões: por que não o pluralismo?

Theology of religions: why not the pluralism?

Marcelo Villa-Forte de Oliveira¹

Resumo

Esse artigo aborda a capacidade do homem em sua avaliação religiosa sobre a salvação. Registra que o entendimento constante na expressão *fora da Igreja não existe salvação* está muito presente na atualidade. Aborda a visão pluralista de forma não exaustiva, de forma a perceber o seu potencial inclusivista, de acolhimento. Expõe a disciplina da teologia das religiões, apresentando a sua proposta. O leitor é desafiado a pensar no que pode se obter com essa nova forma de abordagem das relações entre as religiões.

Palavras-chave

Pluralismo. Diversidade religiosa. Teologia das religiões.

Abstract

This article presents the human capacity in terms of religion evaluate about salvation. It records that the constant understanding in the expression *outside the Church there is no salvation* is very present today. It approaches the pluralist view in a non-exhaustive way, in order to understand its inclusive potential, of reception. It exposes the discipline of theology of religions, presenting its proposal. The reader will be defeat about what can be gained from this new approach to relations between religions.

Keywords

Pluralism. Religious diversity. Theology of religions.

INTRODUÇÃO

Paul Knitter (2008, p. 7) escreveu no prefácio do seu livro *Introdução às teologias das religiões* sobre a “necessidade pressurosa de levar mais a sério as demais religiões, de começar a conhecê-las, com elas conviver e dialogar, com elas trabalhar”, colhendo como resultado proveitos que fortalecem a fé e se configurando em uma oportunidade para as pessoas religiosas “serem religiosas interreligiosamente”. No mesmo sentido, Geffré (2013) em seu livro *De Babel a Pentecostes* apresenta o diálogo entre as religiões com uma visão do fim do imperialismo da Igreja cristã no papel exclusivo de produzir a salvação de almas,² e que os teólogos devem orientar seus esforços em compreender esse fenômeno, tendo em vista “o valor intrínseco das outras religiões como caminhos misteriosos da salvação”.

O pluralismo religioso presente numa sociedade plural desafia os estudiosos das religiões a sair de sua zona de conforto em busca de elaborar uma teologia das religiões diante

¹ Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Administração pela Faculdade de Curiacica. Contato: marcelovifo@gmail.com.

² A sua proposta dissocia a figura do Jesus histórico e propõe que o Cristo opera mesmo que de forma parcial em todas as religiões.

desse novo paradigma para a teologia cristã, em que “convicções religiosas e verdades consideradas absolutas passam a ser desafiadas, e quando não contrapostas, apresentadas de maneira diferente” (PANASIEWICZ, 2007, p. 11). Nesse sentido, a Palavra inspirada surge não como um dado morto, mas como “‘poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê’, força atuante ao vivo no decorrer da história, da qual se deve aproximar com sensibilidade histórica para atualizá-la hoje” (FORTE, 2002, p.111).

A perspectiva pluralista, segundo Ribeiro (2013, p. 354), impõe o desafio à fé cristã de dialogar de forma criativa com as demais religiões sobre suas propostas salvíficas e de fé. Essa perspectiva ganha um caráter de urgência para a vida humana, quando milhares e milhares de pessoas têm que deixar a sua terra em busca da sobrevivência como refugiados. Surge, naturalmente, conflitos de toda a ordem com a população nativa; os costumes são diferentes e a expressão de fé não necessariamente a mesma.

O diálogo adotado como princípio para a relação entre as religiões e para o confronto entre a fé e o conhecimento científico, indica “uma teologia hermenêutica e interdisciplinar que considere a abordagem bíblica uma estratégia não para converter o diferente, mas fortalecer as diversidades e uma relação que favoreça a tolerância e unidade” (SOUZA, 2015, p. 78). Afinal, nas palavras do papa Francisco (2018), “para libertar os oprimidos, os descartados e os escravos de hoje, é essencial promover um diálogo aberto e sincero com os governantes, um diálogo que valorize a experiência vivida, dos sofrimentos e das aspirações do povo, para chamar cada um às próprias responsabilidades”.³

Porém, o ser humano tem a capacidade de criar e visualizar cenários, criar e refutar argumentos, convencer, se autoconvencer; influenciar a partir de uma palavra ou conjunto de palavras a vida de milhares de milhares, ou milhões de milhões de seres humanos, característica percebida no contexto de Gênesis 1,26.27, criado a imagem e semelhança de Deus. Mas, como o homem não é Deus, ele erra. O objetivo desse artigo é refletir brevemente sobre a visão do pluralismo religioso, partindo da posição do exclusivismo religioso, e o papel da teologia das religiões nesse contexto.

1 *EXTRA ECCLESIAM NULLA SALUS*

A expressão em latim *Extra ecclesiam nulla salus*, cuja tradução para o português é *fora da Igreja não há salvação*, foi um argumento religioso expressivo utilizado no decorrer da história pelo ser humano. Segundo Vigil (2006, p. 73), até a metade do século XX, o exclusivismo constante dessa sentença foi contestado em regime de exceção por muito poucos pensadores como Erasmo de Roterdã (1467-1536), Raimundo Lúlio (1232-1316) e Nicolau de Cusa (1401-1464), porém essas contestações não surtiram o efeito contrário desejado e

³ Discurso do papa Francisco aos membros da Comissão Internacional Católica para as Migrações em 8 de março de 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180308_icmc.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

acabaram sendo usadas para confirmar a regra argumentativa de que *fora da Igreja não há salvação*. A autoria dessa expressão foi atribuída por alguns a Orígenes, por outros a Cipriano, e a sua formulação literal atribuída a Fulgêncio, bispo de Ruspe, foi oficializada no Concílio de Florença em 1442 nos seguintes termos:

firmemente crer, professar e ensinar que ninguém daqueles que se encontram fora da Igreja católica, não somente os pagãos, mas também os judeus, os hereges e os sismáticos, poderão participar da vida eterna. Irão ao fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25,4), a menos que antes do término de sua vida sejam incorporados à Igreja. Ninguém, por grandes que sejam as suas esmolas, ou ainda que derrame sangue por Cristo, poderá salvar-se se não permanecer no seio e na unidade da Igreja católica.⁴

Com o passar da história, esse conceito e prática religiosa, tendo a figura do sacerdote em seu lado místico, alguém que, de algum modo, transcendia a figura do humano, conectando-se de tal modo com o divino e com o poder de transmitir essa santidade celestial ao povo, associados a desvios de conduta moral por parte dos clérigos, e a cobrança de indulgências, dentre outros motivos, levou ao início de um movimento que ficou conhecido como Reforma protestante.

1.1 A “renovação” protestante

No dia 31 de outubro de 1517, o monge agostiniano Martinho Lutero afixou na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg (Alemanha) um protesto contendo 95 teses contra parte da doutrina da Igreja católica romana, que definiram os cinco pilares da Reforma protestante: *sola fide* (somente a fé), *sola Scriptura* (somente a Escritura Sagrada), *solus Christus* (somente Jesus Cristo), *sola gratia* (somente a graça) e *soli Deo gloria* (glória somente a Deus) (LUTERO, 2016). Rodrigues (2016, p. 156) define assim o movimento:

O caráter fundamental da Reforma foi à refutação de algumas doutrinas católicas apoiadas numa interpretação da Bíblia que, segundo os reformadores, favoreceria mais a Igreja do que seus fiéis. Todavia, inicialmente o movimento da Reforma não teria pretendido a ruptura e a divisão da Igreja católica apostólica romana. Ao contrário, Martinho Lutero esperava debater os entendimentos, segundo ele, equivocados da Bíblia, resultantes da corrupção dos sacerdotes que assessoravam o santo Papa em favor de causas particulares humanas. Lutero tentou alertar o papa Leão X quanto aos abusos e espoliações a que os fiéis estavam sendo submetidos pelo alto clero.

⁴ Sacrosanta Romana Ecclesia “*firmiter credit, profitetur et praedicat, nullos intra Catholicam Ecclesiam non existente, non solum paganos, sed nec Judaeos, aut haereticos, atque schismaticos aeternae vitae fieri posse participes, sed in ignem aeternum ituro, qui paratus est diabolo, et Angelis eius*” (apud VIGIL, 2006, p. 74).

Lutero defendia a justificação por graça e fé e que diante dessa verdade os conteúdos fundamentais da Bíblia se autoevidenciavam com a ajuda do Espírito Santo. Para que todos participassem do privilégio da leitura bíblica, foi necessária a tradução da Bíblia para a língua do povo. “A clareza da mensagem bíblica estaria, portanto, ligada ao sacerdócio universal de cada crente e à oportunidade de, mediante o contato com os escritos bíblicos, cada indivíduo receber a graça, ter fé e ser justificado” (RODRIGUES, 2016, p. 160). Portanto, o sacerdócio universal proposto e defendido por Lutero e seus seguidores excluía a mediação humana, aliviava a tensão interior de cada ser humano e abolia seus seguidores das indulgências impostas pela Igreja de Roma. A possibilidade de acesso a Deus originou em muitos um sentimento de independência, pois “não havia obrigatoriedade de se estar agregado a qualquer agremiação ou facção religiosa, uma vez que individualmente se podia viver uma vida espiritual, guiada pela consciência, vontade e entendimento próprios” (LEMOS; ALVES, 2013, p. 155-156).

Na atualidade, quando se lê as declarações de fé de algumas das principais denominações protestantes no Brasil, como a da Convenção Batista Brasileira, da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Renovada e da Assembleia de Deus, observa-se que o conceito *extra ecclesiam nulla salus* continua presente de forma majoritária, e direciona um anúncio das boas novas de forma apologética e exclusivista, seguindo o exemplo histórico da Igreja católica apostólica romana.

Os textos colecionados nas páginas oficiais das denominações protestante demonstram isso. O texto da Convenção Batista Brasileira expressa que o básico em seu evangelismo é a chamada para aceitar Jesus como Salvador e segui-lo como Senhor:

O evangelismo é a proclamação do juízo divino sobre o pecado, e das boas novas da graça divina em Jesus Cristo. [...] O evangelismo declara que o evangelho, e unicamente o Evangelho, é o poder de Deus para a salvação. A obra de evangelismo é básica na missão da Igreja e no mister de cada cristão. O evangelismo, assim concebido, exige um fundamento teológico firme e uma ênfase perene nas doutrinas básicas da salvação. O evangelismo neotestamentário é a salvação por meio do evangelho e pelo poder do Espírito. Visa à salvação do homem todo; confronta os perdidos com o preço do discipulado e as exigências da soberania de Cristo; exalta a graça divina, a fé voluntária e a realidade da experiência de conversão. [...] O evangelismo, que é básico no ministério da igreja e na vocação do crente, é a proclamação do juízo e da graça de Deus em Jesus Cristo e a chamada para aceitá-lo como Salvador e segui-lo como Senhor. (CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA).⁵

A Confissão de Westminster em seu capítulo 25 diz que fora da Igreja que professa a verdadeira religião não há possibilidade de salvação:

1. A Igreja Católica, ou Universal, que é invisível, consiste do número total de eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em

⁵ Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21>. Acesso em: 3 jul. 2019.

um só corpo, sob Cristo, seu Cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude, daquele que enche em todas as coisas.

2. A Igreja visível também é católica ou universal, sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei), consiste de todos aqueles que, pelo mundo inteiro, professam a verdadeira religião, juntamente com seus Filhos; é o Reino do Senhor Jesus Cristo, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade de salvação (IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL).⁶

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil atribui ao anticristo qualquer forma de manifestação que não venha por intermédio de Cristo:

Cremos na Igreja, santa, invisível e universal, que é o Corpo de Cristo, composto de todos os cristãos que experimentaram o novo nascimento, independente da etnia, cor ou condição socioeconômica e que na terra se manifestam nas congregações locais a quem Cristo conferiu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus para congregar e aperfeiçoar os santos, ao longo desta dispensação que se encerrará com o arrebatamento dos salvos. Cristo é o cabeça, o único Senhor desta igreja. Ele é o Rei absoluto, não havendo outro. Qualquer outra manifestação será atribuída ao anticristo, ao homem do pecado e ao filho da perdição.⁷

A declaração de fé da Assembleia de Deus registra o seguinte destino para os que não creem em Jesus e o professam como Senhor:

4. O destino dos condenados. O destino dos incrédulos é a condenação eterna no Inferno. As Escrituras Sagradas revelam que o Inferno é ‘o lugar preparado para o diabo e seus anjos’ (Mt 25.41); o lugar para o qual é destinada a alma dos ímpios e de todos os que rejeitam o plano de Deus para sua salvação.¹¹ A palavra “inferno” vem do latim *infernus*, que significa “lugar inferior”. Foi usada por Jerônimo, na Vulgata Latina, para traduzir do hebraico a palavra *sheol*, no Antigo Testamento, e do grego, as palavras *hades* e *geenna*, entre outros termos no Novo Testamento (ASSEMBLEIA DE DEUS).⁸

Não parece existir nos textos das declarações de fé, doutrinas e declarações de missão dessas igrejas protestantes a intenção de diálogo com outras religiões. O registro desse contexto protestante difere da Igreja católica, que começou a se abrir para um novo pensar e agir no que diz respeito a forma de se relacionar com outras religiões, posição essa marcada a partir do proposto no Concílio Vaticano II. O texto escrito por Bruno Forte (2002) expressa bem essa mudança:

O Concílio iniciou um processo que está longe de se concluir. Este processo tem não só o dever de permanente atualização e reforma das estruturas e das práticas eclesiais, mas também do impulso missionário de todos os batizados e

⁶ Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/arquivos/confissao_de_westminster.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁷ Disponível em: <<http://iprb.org.br/legislacao/confissao-de-fe-da-iprb/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁸ Disponível em: <<https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

de toda a comunidade, e a necessidade do diálogo e da abertura ecumênica. A tríplice assunção da consciência histórica por parte do Vaticano II - na forma da consciência do 'ínterim', da memória da origem e da profecia antecipadora da pátria, promessa ao povo peregrino de Deus - estimula a hermenêutica a se tornar companhia, memória e profecia, 'teologia como história'" (FORTE, 2002, p. 111, 112).

Ele ressalta que a teologia como história está completamente relacionada com a práxis, pois é o *logos* nascido do *ethos* da existência redimida, "e a ele retorna, para fecundá-lo em confronto crítico com a Palavra normativa da fé" (FORTE, 2002, p. 112).

As igrejas cristãs protestantes estão com um viés cada vez mais fundamentalista, o que tem como consequência prática a continuidade das ações missionárias nos moldes tradicionais, visando que as pessoas sejam salvas do inferno na vida após a morte ao tomar conhecimento da vontade salvífica de Deus e entrar para a Igreja. Nesse sentido, Gandhi, que teve estreito contato com cristãos, em especial protestantes que tentaram convencê-lo a se tornar cristão, contou uma conversa que teve com alguns missionários⁹ e que parece adequada para o contexto deste artigo:

Tenho me arriscado a dizer em várias reuniões com missionários, aos ingleses e americanos ali presentes, que se conseguissem controlar-se a abster-se de "falar" sobre Cristo com a Índia e simplesmente vivessem a vida que lhes foi oferecida pelo Sermão da Montanha, a Índia em vez de suspeitar deles, teria apreciado sua forma de vida em meio aos seus filhos indianos e teria se beneficiado diretamente de sua presença. Sendo dessa opinião, não posso 'falar' com os americanos sobre nada que diga respeito ao hinduísmo, à guisa de alguma espécie de 'troca'. Não acredito em pessoas falando aos outros sobre a sua fé, especialmente se têm a conversão em vista. A fé não admite falar. Tem de ser vivida e então ela se torna autopropagadora (ELLBERG, 1996, p. 103).

Sendo assim, a título de reflexão, será que não é necessária uma revisão dessa forma de evangelização, ou talvez da missão cristã elaborada pelas denominações cristãs, de forma que o convencimento do pecado, da justiça e do juízo fique por conta do Espírito Santo (cf. Jo 16,8) e que a práxis religiosa anuncie a mensagem de Jesus sem a necessidade do proselitismo? O evangelho de Mateus (7,15-23) alerta:

Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em pele de ovelha, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos frutos os conhecereis. Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos de plantas com espinhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém, a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar frutos maus, nem uma árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e lançada no fogo. Portanto, vós os conhecereis pelos frutos. Nem todo o que me diz Senhor, Senhor! entrará no reino do céu, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu. Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, nós não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? Em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: "Nunca vos conheci; afastai-vos de mim, vós que praticais o mal."

⁹ Young India, 20 de outubro de 1927.

Deus quis justiça e não desigualdades. Christian Duboc (2008, p. 175) pondera que a confissão sobre o senhorio do ressuscitado, muitas vezes leva a uma tentativa de sustentar a verdade dessa confissão contra tudo e contra todos, em uma visão idealista, considerada realística por seus apologistas, a única realista.

2 A VISÃO PLURALISTA

Deuteronômio 10,17, que diz que “o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o SENHOR dos senhores; o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz discriminação de pessoas nem aceita suborno”, parece indicar que se tenha um cuidado especial com o ser humano que pensa diferente de você. Em um mundo plural, uma visão pluralista tende a ser de boa valia.

A visão pluralista tem como elemento chave da vivência religiosa e humana em geral a “alteridade, respeito à diferença e o diálogo e cooperação prática e ética em torno da busca da justiça em relação aos grupos empobrecidos, da busca pela paz e do bem comum” (RIBEIRO, 2013, p. 354). A práxis da convivência com essa nova leva de estrangeiros são um grande estímulo para iluminar a questão da missão cristã. “A relevância originária e destinal das práxis na elaboração do pensamento teológico em sua forma simbólica demonstra assim sua ineliminável qualidade pastoral” (FORTE, 2002, p. 116).

O diálogo inter-religioso se impõe numa cultura pluralista. A situação chega a ser caótica quando se observa o “entrincheiramento” físico e ideológico que o ser humano desenvolve na prática e na teoria. A explosão dos refugiados entrando nos mais diversos países, em grande multidão, tem feito aflorar a práxis teológica da população local e colocado em estado de urgência o quanto se faz necessário um preparo para entender o diferente. Como escreve Gefré (2006, p. 24), “diante do aumento do fanatismo, do racismo, do terrorismo internacional, dos genocídios por motivo étnico, os valores morais recomendados nas religiões são mais atuais que nunca.”

Uma tendência humana é o fundamentalismo ideológico, e a ideologia em tais circunstâncias acaba sendo o emprego da verdade própria de alguém como meio de promover seu bem-estar pessoal, econômico ou de classe às expensas dos outros (KNITTER, 2008, p. 31). A persistência da diversidade religiosa após cerca de 19 séculos de atividade missionária cristã é perturbadora para muitos cristãos, sendo que a população cristã mundial somou apenas 33,2% da população mundial na virada do século. Existe o reconhecimento por parte de figuras ilustres como Gandhi, de que a visão e os valores contidos no sermão da montanha “influenciaram de maneira notável culturas que firmemente se recusam a chamar-se cristãs” (KNITTER, 2008, p. 23), porém a taxa de conversão ao cristianismo oriundas do hinduísmo, budismo, judaísmo e islamismo é praticamente nula ao se levar em consideração o movimento em sentido contrário (KNITTER, 2008, p. 23).

A visão teológica do pluralismo religioso de Hick amplia o entendimento de salvação, missão e diálogo, tendo em vista que “as ideias de bondade, amor, compaixão não se restringem ao cristianismo, mas se estendem às diversas tradições religiosas” (HICK, 2005, p. 19), impossibilitando que uma religião seja mais salvífica do que a outra. Hick (2005, p. 181) defende que não é possível se restringir aos recursos espirituais da própria tradição religiosa em relação à Realidade Última, em virtude das outras grandes tradições religiosas serem respostas humanas diferentes, mas igualmente válidas. O cristão, segundo ele, pode “explorar com vantagens alguns dos métodos de meditação desenvolvidos nas tradições budista e hindu, [e que] a leitura das escrituras e dos escritos de grandes santos” (HICK, 2005, p. 181) serve para alimentar mentes e corações, não necessitando o cristão ficar restrito a leitura da Bíblia e aos escritores cristãos.

Segundo Knitter (2008, p. 20) o “estudo, oração, diálogo inter-religioso e ação para promover a justiça, a paz, a libertação e a integridade da criação” mudaram a sua pessoa, e serve de forte inspiração para se trilhar um caminho semelhante. De acordo com Wolff (2016, p. 35):

No contexto do pluralismo espiritual, é difícil aceitar a ideia de que a espiritualidade desenvolvida apenas por uma tradição religiosa, seja a única que possibilite um desenvolvimento do espírito humano de forma tão elevada que apenas ela permita a relação com Deus.

Nesse sentido, prossegue Wolff (2018, p. 9), “o magistério de Francisco é questionado por posturas tradicionalistas que se entendem acima de qualquer suspeita na ortodoxia da fé, mas confundem Tradição com tradicionalismo, ortodoxia com literalismo.”

O papa Francisco tem dado especial ênfase à situação dos migrantes em seu papado. Em seu discurso sobre a crise imigratória da Europa no Parlamento Europeu, recomendou que o continente não funcione “em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana”.¹⁰ Em seu discurso proferido no encontro patrocinado pela Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, fazendo referência às mortes de migrantes ocorridas no Mediterrâneo, lembrou de questões levantados no encontro inter-religioso ocorrido em Abu-Dhabi,¹¹ em especial a pergunta: “Como as religiões podem ser formas de fraternidade em vez de muros de separação?” Declarou em resposta que a teologia do acolhimento, em conjunto com um diálogo franco “com instituições sociais e civis, com centros universitários e de pesquisa, com os líderes religiosos e com todas as mulheres e homens de boa vontade”, seria a solução “para a construção na paz de uma sociedade inclusiva e fraterna e também para a custódia da criação”. A evangelização deve estar no centro das ações não como apologética e proselitismo, mas como

¹⁰ Reportagem de Eleanor Bites, publicada pela Agência Reuters em 20 de novembro de 2014.

¹¹ Encontro ocorrido em 4 de fevereiro de 2019 entre o papa Francisco e o Grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib, ocasião em que assinaram uma declaração conjunta que marca a história das relações entre a Igreja católica e o islã.

anúncio das boas novas de Jesus na prática do amor evangélico,¹² e que “o diálogo é, antes de tudo, um método de discernimento e proclamação da Palavra de amor, dirigida a cada pessoa e que, no coração de cada um, quer fixar morada. [...] Esse diálogo, assim entendido, é uma forma de acolhimento.”¹³

Por fim, parece bem adequada a sugestão de Queiruga (1997, p. 62-63) de que, mesmo levando em conta a experiência cristã da plenitude aberta por Cristo, se deve qualificar de *absoluta* a verdade das religiões, devido a sua função dentro da sua própria tradição.¹⁴

3 O PAPEL DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES

A teologia das religiões é um ramo da teologia iniciado na década de 1960, também denominada de teologia do pluralismo religioso, que pela sua recente constituição como disciplina, ficou fora da formação em seminários ou universidades de teólogos e agentes de pastoral. Vigil (2006, p. 13, grifo do autor) a conceitua como uma “reflexão à luz da fé *sobre o pluralismo religioso*, quer dizer, sobre a pluralidade das religiões, sobre o fato de que a religião não seja uma, senão muitas”, e formula diversas perguntas para serem respondidas por ela que ajudam a entender o propósito da sua constituição:

O que significa isso no projeto de Deus? Tal pluralidade terá sido querida por Deus efetivamente? Ou seria, melhor dizendo, algo natural... ou talvez um erro humano? Haveria por acaso uma religião que seja querida por Deus efetivamente? A nossa religião seria a verdadeira, enquanto as outras seriam falsas? Ou todas as religiões são iguais? (VIGIL, 2006 p. 13).

A teologia das religiões incomoda, pois obriga que o crente saia da sua zona de conforto para questionar convicções profundas, provocando o reexame de temas sempre respondidos com um *porque sim*, aprendidos e repetidos desde a infância, que agora passam a ser objeto de estudo crítico, questionamentos, tornando-os passíveis de modificação (VIGIL, 2006, p. 13-14).

Para Hick (2005, p. 25), “o fato de existir uma pluralidade de grandes religiões mundiais, é hoje experimentado, por muitos cristãos, tanto como um problema de ordem prática como de ordem intelectual” e, conforme Dupuis (1999, p. 14-30) a teologia das religiões ou teologia do pluralismo religioso esforça-se em dar respostas para as controvérsias plurirreligiosas. A ligação entre a teologia das religiões e o diálogo inter-religioso é evidente, e a contribuição dada por ela é no sentido de dar base para esse diálogo, ao buscar definir o significado da religião e do pluralismo religioso. Pode-se esperar como resultado desse esforço não apenas o desenvolvimento de novas teses, “mas sim um questionamento, uma reconstrução

¹² Citando o proêmio da *Veritas gaudium*.

¹³ Discurso do papa Francisco na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional em 21 de junho de 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teatologia-napoli.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

¹⁴ Mesmo com uma posição teológica inclusivista.

de conhecimentos religiosos já adquiridos, uma renovação de convicções religiosas básicas, o que levará a uma nova forma de viver a religião – uma prática nova.” (VIGIL, 2006, p. 14).

Para Dupuis (cf. SOARES, 2008, p. 13) a teologia cristã das religiões deve partir de Jesus Cristo. O seu argumento é que todas as religiões pertencem a Jesus Cristo, e pela sua presença e participação ativa em todas e em todos, poderia assim integrar as diferentes expressões religiosas de forma totalmente inclusiva e universal. Mas afinal, o que é religião?

Souza (2015, p. 21-22, grifo do autor) define religião da seguinte forma:

O termo *religião*, em sua etimologia, pode ser entendido como abertura em diálogo, já que a palavra *religio*, do latim, vem de *relegere*. O prefixo “e” quer dizer *novamente* e se liga ao verbo *legere*. Ler é entendido hermeneuticamente como “desvelar” ou “evidenciar” algo oculto. Tomado numa perspectiva espiritual, denota uma atitude de ‘ida’ repetidas vezes ao “mistério” com o intuito de torná-lo cada vez mais evidente. [...] A palavra *relegere* indica também religar, voltar à relação inicial.

As religiões, mesmo conservando sua tradição, estabelecidas por uma diversidade de crenças, em meio a uma pluralidade de culturas, em sua “maioria se orienta por verdades referentes à salvação das pessoas”. Um caminho para estudá-las na busca de respostas sobre sua origem, divina ou humana, pode ser trilhado com o uso do método da linguística, que permite a comparação de fenômenos, o exame de doutrinas, lendas, rituais, cerimônias e instituições, com o objetivo de trazer à luz da verdade de cada uma delas (SOUZA, 2015, p. 22). Para Hick (1989, p. 43), “essas totalidades diferentes constituem diversas respostas humanas, no contexto das diferentes culturas ou formas de vida humana, à mesma realidade divina, infinita e transcendente”.

As pessoas atualmente, cientes dos relativismos históricos, se sentem atraídas pelo simbolismo e pelo espiritualismo presente em afirmações religiosas como a apregoada por Rhadakrishnan,¹⁵ que nega o caráter absoluto do chamamento divino exaltado em Cristo, porém a imposição do caráter absoluto da sua mística¹⁶ não é uma pretensão menor do que sustentar diante dos não cristãos o caráter absoluto de Cristo. A posição ocupada pela fé cristã na história das religiões, formulada há muito tempo, “vê em Cristo a única – e com isso definitiva – salvação do homem” (RATZINGER, 2013, p. 22).

Wolff (2016, p. 105) afirma que o encontro entre as religiões não aparece em elementos externos, mas sim nos elementos que lhe dão formatação histórica, tomando o cuidado de “não uniformizar arbitrariamente as experiências religiosas e os seus significados”. Em sua opinião, alguns elementos permitem a aproximação entre as grandes tradições religiosas: a experiência

¹⁵ Presidente da Índia, cujos trabalhos sempre desembocam na perspectiva de uma vindoura religião do Espírito, que reuniria numa unidade fundamental a multiversidade das religiões (RATZINGER, 2013, p. 26).

¹⁶ Por mística aqui, compreende-se um caminho histórico religioso, como uma posição que não admite nenhuma grandeza a ela sobreposta, mas considera a experiência misteriosa e amorfa do místico como única realidade vinculante, última no âmbito religioso.

do *Absoluto*, que é a experiência religiosa fundada “na crença de que existe uma realidade ou ordem invisível e que toda a existência ganha sentido conforme o seu grau ou nível de conexão com essa realidade” (WOLFF, 2016, p. 105); o *significado do espiritual*, que é a conversão, marcada por um novo dimensionamento dos projetos para vida, e de aprimoramento no sentido pessoal, social e religioso, recebem a contribuição das diversas práticas religiosas (WOLFF, 2016, p. 111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse artigo foi de refletir brevemente sobre a visão do pluralismo religioso, a partir da posição do exclusivismo religioso, e o papel da teologia das religiões nesse contexto. Não se pretendeu analisar as posições teológicas exclusivista, inclusivista ou pluralista. O ponto de partida foi a constatação da capacidade do homem de errar, convencido de que está certo, no trato com outro ser humano em especial com relação a sua relação com Deus expressa na sua atitude para com o seu próximo. O erro de entendimento feito pela Igreja católica, de que fora dela não haveria salvação, até poucos anos atrás, na prática parece estar mais vivo do que nunca na dogmática protestante e ainda em muitos nichos católicos. O risco é muito grande de se produzir muitas novas atrocidades em nome de Jesus.

A visão pluralista amplia a possibilidade de se perceber o Reino de Deus amplamente anunciado por Jesus Cristo em sua práxis e ensino, pois facilita a interação humana, o sentar a mesa com pecadores e descobrir as interações que Deus tem feito com os diversos povos do planeta Terra. A teologia das religiões que se propõe a uma reflexão à luz da fé sobre a pluralidade das religiões deve permitir uma reflexão menos dogmática, entrincheirada, muitas vezes promovidas por outros ramos da teologia, e levar a uma prática cristã que reflita o verdadeiro evangelho. ✨

REFERÊNCIAS

BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

DUQUOC, Christian. **O único Cristo**: a sinfonia adiada. São Paulo: Paulinas, 2008.

ELLBERG, Robert. **Gandhi e o cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

FORTE, Bruno. **Teologia do diálogo**. São Paulo: Loyola, 2002.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes**: ensaios de teologia inter-religiosa. São Paulo: Paulus, 2013.

HICK, John. **An interpretation of religion**. New Haven: Yale University, 1989.

- HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso**. São Paulo: Attar Editorial, 2005.
- KNITTER, Paul. F. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- LEMOS, Douglas L.; ALVES, Adjair. A quebra do elo: as consequências da reforma protestante para o fim das mediações sacerdotal. **Diálogos**, Garanhuns, n. 8, p. 135-162, fev./mar. 2013. Disponível em: <http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_8/Douglas_Adjair.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- LUTERO, Martinho. **As 95 teses e a essência da Igreja**. São Paulo: Vida, 2016.
- QUEIRUGA, Andrés T. **O diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.
- RATZINGER, Joseph. **Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2013.
- RIBEIRO, Cláudio de O. **Pluralismo e religiões: a questão cristológica em foco**. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 35-380, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/4206>>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- RODRIGUES, Elisa. Lutero, questões hermenêuticas e a Reforma protestante. **Reflexão**, Campinas, v. 41, n. 2, p. 155-163, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3766/2378>>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- SOARES, Afonso Maria L. (Org.). **Dialogando com Jacques Dupuis**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SOUZA, José Neivaldo de. **Cristianismo: a religião do diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- VIGIL, José M. **Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2006.
- WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.